

## ***Abraços, beijinhos e carinhos sem ter fim, em tempos de COVID-19<sup>1</sup>***

Jane Felipe Beltrão<sup>2</sup>

Depois que a “tempestade” instalada pela COVID-19 passar nos poderemos cantar *Chega de Saudade!* Quanto mais paraenses se aquietarem em casa, mais cedo poderemos voltar ao cotidiano.

Hoje, estamos longe e com saudades de nossos mais velhos: avós, avôs, mães, pais, tios, tias, amigas, amigos, vizinhas, vizinhos, mas elas e eles precisam desse exercício de solidariedade. Todo cuidado é pouco!

### ***Incentivo à solidariedade***

Os poetas escreveram: “vai minha tristeza”, e eu acrescento pede ao passarinho que leve um bilhetinho para a sua, a minha avó. Diz a ela que sem ela não podemos viver, mais um “bichinho impertinente” chamado *coronavirus* impôs uma barreira social entre nós. Vejam: usei metáforas, o passarinho, desta história, pode ser procurado na internet e você procura uma letra bonita caprichando na caligrafia e escreve um, dois, três bilhetes. Aposto que sua avó ficará feliz, repita a dose todas as vezes que a saudade apertar. Mande fotos. Ao fazer a “selfie” cruze os braços no peito como se abraçasse a avó.

---

<sup>1</sup> Cf. Jobim, Antonio Carlos & Moraes, Vinícius. *Chega de Saudade*. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=%C3%A9+pra+acabar+com+esse+neg%C3%B3cio+de+voc%C3%AA+viver+sem+mim&rlz=1C5CHFA\\_enHN724HN724&og=%C3%A9+pra+acabar+com+esse+neg%C3%B3cio+de+voc%C3%AA+viver+sem+mim&ags=chrome..69i57.27539j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=%C3%A9+pra+acabar+com+esse+neg%C3%B3cio+de+voc%C3%AA+viver+sem+mim&rlz=1C5CHFA_enHN724HN724&og=%C3%A9+pra+acabar+com+esse+neg%C3%B3cio+de+voc%C3%AA+viver+sem+mim&ags=chrome..69i57.27539j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

<sup>2</sup> Antropóloga, historiadora, professora titular, docente permanente dos programas de pós-graduação em Antropologia (PPGA) e Direito (PPGD) da Universidade Federal do Pará (UFPA) e docente colaboradora do Programa de Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) nível 1B. E-mail: [janeltrao@gmail.com](mailto:janeltrao@gmail.com).

Diga a vovó que, a distância deve ser pensada como se você estivesse viajando e, a viagem “... é pra acabar com esse negócio ... de viver longe” dela, informe que você passará duas, talvez quatro semanas ou mais um pouco até tudo se resolva e se diga xô, xô, xô *coronavirus*. Se sua avó tem dificuldade de ler, grave o recado, ela vai amar!

Gostou da ideia? Veja com as suas crianças para que elas mandem beijos e abraços as/aos mais velhas/os. Precisamos de muitas demonstrações de amor, de solidariedade. Cultive o apreço pelas pessoas, merecemos um mundo de amor, cordial e solidário.

Vou contar uma historinha. Eu gosto de escrever, nasci num tempo sem internet e costumava escrever cartas toda semana para as pessoas amigas e para parentes. Ia aos correios postava as cartas e as pessoas gentilmente respondiam. Hoje, escrevo minhas cartinhas e meus bilhetinhos, pois acho gostoso e creio que eles expressam meu carinho pelas pessoas amigas. Depois de escrever fotografo o bilhete ou a cartinha e envio de “zap”. Quem recebe reconhece a minha letra e se sente acarinhado. Há muitas formas de amenizar a distância. Seja inteligente, use da sua criatividade.

### ***Aprendizados do passado próximo***

Como sou contadora de história prossigo a narrativa sobre os costumes sociais para que lembremos de afagos, carinhos, cafunés e outros agrados. No Pará e em muitos outros lugares do mundo aprendemos muito cedo a nos acarinhar, damos beijinhos de um lado e outro do rosto e, algumas pessoas, conforme se cresce, se torna jovem, os adultos e mesmo nós, passamos a dar um terceiro beijinho dizendo que “o terceiro é pra casar”. O “casar” é, na verdade, o desejo de que não falte carinho à pessoa. Somos poéticos usamos metáforas – figuras, ideias para indicar o que queremos

dizer – pense comigo, casar é estar junto, portanto é uma forma de produzir expressões carinhosas, nas quais nem sempre prestamos a devida atenção. As pessoas mais velhas, nos ensinaram, também, a tomar a benção – expressão de respeito – e a benção exige dos que pedem e dos que recebem a mesma, todo um cruzar de braços e apertos de mãos as quais se leva aos lábios para selar com beijos. O ritual é lindo e como faz parte do cotidiano, nem sempre se prestava atenção. Hoje, a benção parece confinada aos templos religiosos, antes tomávamos benção de todas as pessoas mais velhas, mesmo as daquelas que estávamos vendo pela primeira vez. A reverência era integrante das relações sociais. No momento é algo em absoluto desuso. Que pena!

Abraçar parentes, amigos e sobretudo crianças queridas faz parte da nossa vida, algumas vezes, a saudade é tanta que quase quebramos os ossos das pessoas que há muito não vemos. Pois estreitar e apertar pessoas queridas, expressa apreço, delicadeza, amor.

As avós ao encontrarem as/os netinhas/os meio tristes costumam fazer cafuné, coçar as costas para aliviar angustias e dores, coloca-as/os no colo, embala-as/os na rede, em cadeiras de balanço, passeiam com elas/es embalando-as/os nos braços, sacudindo-as/os com carinho e desvelo. Tempos bons! Os quais nem sempre aproveitamos e agora haja saudade!

### ***Maneiras em tempos de COVID-19***

Leitores, tudo que aprendemos como formas respeitadas e de carinho hoje não podem ser usadas, devemos evitar a proximidade umas/uns das/os outras/os. Apertos de mão, abraços, tapinha nas costas e tudo mais que faz parte da nossa rotina de afetos deve ser evitada. Mas atenção, a proximidade é proibida, mas outras expressões de afeto são necessárias.

Invente, crie, tempos que reagir de forma solidária em tempos de prevenção de COVID-19.

Digo a vocês que o isolamento não afasta o *coronavirus*, ele apenas evita que os precários serviços de saúde – públicos e particulares – entrem em colapso e não possam nos atender.

Encontre outras formas de dizer aos vizinhos, aos parentes que esta por perto e atento, cuidando da saúde deles e da sua, afinal nossa meta é não precisar de atendimentos médicos.

Coloquem lenços brancos nas portas, nas janelas, use-os como bandeiras de paz, transmitam um pouco de otimismo, afinal devemos refletir sobre a importância do Sistema Único de Saúde (SUS), afinal os que lutaram pela Reforma Sanitária e pelo atendimento universal ao nos precederam abriram as veredas de atendimento indiscriminado.

Vocês os mais jovens, não viveram o tempo em que só tinha acesso a atendimento de saúde as pessoas que tinham um vínculo empregatício. Vi se negar atendimento as/aos mais velhas/os, eram avós, tias – sempre mulheres – que se dedicaram ao árduo trabalho de reprodução social, mantendo seus lares e cuidando de crianças, no fim da vida que, não era tão longa quanto hoje – serem tratadas como indigentes em hospitais mantidos por ações filantrópicas. Hoje, atendimento de saúde pública é direito, percebem a diferença? Cobrar atendimento digno é direito, pagamos impostos e eles são altos, muito altos, sobretudo para as pessoas vulnerabilizadas por um sistema socialmente injusto.

### ***As lições de outras pandemias***

As pandemias são cruéis, varrem os continentes, levam milhares de pessoas, deixam as cidades desertas.

Ao estudar as pandemias de Cólera descobri que, em 1817, os europeus conheceram a Cólera e, de lá pra cá, muitas pandemias assolaram o mundo. O flagelo produzido pela Cólera era aterrador, pois as mortes produziram revoltas e rebeliões contra os governantes, pois estes eram acusados pelos insuficientes socorros públicos colocados à disposição dos acometidos pela doença. A moléstia acompanhou todas as rotas à época, militares e comerciais. A civilizada Europa deixava de ser imune ao “mal do Ganges.” Qualquer semelhança com a COVID-19, não é mera coincidência, é parte do descaso de governantes que, sistematicamente, negam os direitos à saúde, impõem o sucateamento aos serviços de saúde e acreditam tudo pode se resumir a uma gripe.

Pensem comigo, não é só a COVID-19 que pode nos atingir, lembrem-se que todos os dias temos outros problemas de saúde e que os usuários do sistema de saúde não são acometidos apenas pelo *coronavirus*, muitos são acometidos por acidente vascular cerebral, infarto, tuberculose, insuficiência renal e outras doenças crônicas ou não exigindo atendimento em saúde.

Ao se aquietar em casa resguardamos a vida de todos, coisa que o Estado não conseguiu prever e, agora, nos pensa históricas – uma vez mais a suposta culpa é da vítima – alarmistas e o que mais inventarem. O confronto e a apuração de responsabilidades eu deixo pra depois. Agora é ficar em casa.

### ***Ninguém merece***

O cerceamento das atividades rotineiras da população atingida pela Cólera, no passado; ou pela COVID-19, hoje; deixa as pessoas aflitas, as cidades

desertas e a sensação de impotência gera tristeza, às vezes desespero e, no mais das vezes, resta-nos medo e pânico.

Não se deixe abater pelo desânimo! Reaja, não importa de quem seja a responsabilidade pelo flagelo imposto pelo *coronavirus*, fique em casa, proteja a si aos seus e aos demais de ser acometido pela doença.

Chore ao ver a cidade deserta, eu chorei ao ver a Cidade Universitária sem vida, sem o barulho, o trânsito e tudo o mais que faz o dia-a-dia de discentes, técnicas/os e docentes.

O sacrifício nos foi imposto, mas ele há de passar e, ao nos ausentarmos, poderemos proceder outras medidas que nos resguardem dos problemas de hoje. Afinal, devemos preservar nossa capacidade de ser solidárias/os e de decidir nossos destinos. Agite a bandeira da liberdade e confie na nossa capacidade de oferecer resposta. Ficar em casa é resistir.